

POESIA E REVELAÇÃO EM 'A VISION' DE YEATS

Para além de assentar na observação dos mecanismos processuais do texto, a problematização crítica em torno de 'A Vision' deve também partir da análise do método seguido pelo autor, bem como de algumas das suas afirmações sobre a obra. Consequentemente, dever-se-á considerar a necessidade de nela explorar os limites ou convergências entre a afirmação poética e a componente visionária.

Assim, se por um lado o próprio autor define 'A Vision' como um texto poético — «stylistic arrangements of experience» — por outro lado vem a caracterizá-la fundamentalmente pela sua importância como documento de revelação — «a book which... will proclaim a new divinity»¹. À partida colocamo-nos pois de forma incerta perante o texto. Atente-se na opinião formulada respectivamente por Bloom e Seiden:

a Gnostic scripture or apocalypse²

a book of deep religious significance... his mythology, which he ardently described as a universal faith, might in time take the place of political theories, religious beliefs, and metaphysical systems which, he argued, no longer functioned.³

¹ YEATS, W. B. — *A Vision*, London, 1937, rpt. 1962, 1987, 25, 27. A primeira versão foi publicada em 1925 e reimpressa em 1978. Referir-nos-emos respectivamente a partir de aqui a *A Vision I* e *A Vision II*.

² BLOOM, Harold — *Yeats*, New York & Oxford, 1970, 270.

³ SEIDEN, M. — *W. B. Yeats: The Poet as Mythmaker*, East Lansing, Michigan, 1963, 79, 112.

Assim, para além da evidência e sugestividade do título, a obra equationa um conjunto de crenças — de entre outras, a imortalidade da alma, a vida após a morte e a reencarnação. Como afirma Seiden:

a collection of beliefs... with directness and confidence, sometimes with too much confidence. ⁴

É claro que, contextualizar fenómenos como a dessacralização e secularização progressiva do mundo e o esvaziamento dos sentidos sagrados na viragem do séc. XIX para o XX, levar-nos-ia bem para além dos limites que este texto comporta. Lembremos e reflectamos apenas nas inquietações modernistas de Eliot e Joyce, respectivamente em *Religion and Literature* e *Ulysses*:

We must remember that the greater part of our current reading matter is written for us by people who have no real belief in a supernatural order... are even ignorant of the fact that there are still people in the world so 'backward' or so 'eccentric' as to continue to believe. ⁵

You're not a believer, are you? Haines asked. I mean a believer in the narrow sense of the word. Creation from nothing and miracles and a personal God... Either you believe or you don't isn't it? Personally I couldn't stomach the idea of a personal God. You don't stand for that I suppose?... ⁶

Os objectivos de *A Vision* são pois necessariamente diversos: como texto de revelação, pretendendo actuar no âmbito das convicções, a obra poderá accionar mecanismos retóricos de persuasão e até mesmo conver-

⁴ *Idem*, 73.

⁵ ELIOT, T. S. — *Selected Prose of T.S. Eliot*, ed. Frank Kermode, London, 1975, 106.

⁶ JOYCE, James — *Ulysses*, New York, 1934, 21.

são. O facto é que Yeats produziu duas versões do texto — a primeira foi apresentada de forma restricta, numa edição de apenas 600 cópias. Esta restrição na tiragem, aliada a uma apresentação gráfica invulgar já não foram utilizadas para a segunda edição. No entanto, perguntar-se-á: não será que, naquele preciso momento histórico, o autor tem a consciência das reduzidas probabilidades de aceitação do texto, enquanto profecia inspirada e veiculadora de uma verdade?

Haverá assim no texto espaços de afirmação de noções e crenças que actuam com uma força quase provocatória, na medida em que levantam a complexa questão da autoridade. Como afirma Northrop Frye em *The Critical Path*:

When I am asked if I «believe in» ghosts, I usually reply that ghosts, from all accounts, appear to be matters of experience rather than of belief, and that so far I have had no experience of them. But the fact that the question takes such a form indicates that belief is usually connected in the mind with a vision of possibilities, of what might or could be true.⁷

Limitar a divulgação da obra a um determinado tipo de leitores, logo controlar a recepção do texto e alterar da primeira para a segunda edição o teor das respectivas introduções, pode revelar uma certa insatisfação ou incerteza por parte do autor quanto ao estatuto da obra e sua recepção crítica no contexto específico da época.

Na introdução à primeira edição, Yeats afirma ter 'descoberto' um texto antigo — um mito que ele irá retomar e interpretar. A dedicatória a Vestigia e a menção feita a amigos votados aos estudos religiosos lançam desde logo os parâmetros da selecção e seriação de leitores. O leitor ideal será então aquele que acredita numa verdade revelada e não descoberta

⁷ FRYE, Northrop — *The Critical Path: An Essay on the Social Context of Literary Criticism*, U.S.A., 1983, p. 111.

(«truth cannot be discovered but may be revealed»)⁸. O acto da leitura repetirá, assim, o momento de revelação:

When I had ceased all active search, yet had not ceased from desire, the documents upon which this book is founded were put into my hands...⁹

Fazendo cair sobre si mesmo, na primeira edição do texto, a origem ou fonte da descoberta, Yeats inicia um discurso enigmático através de duas figuras, Michael Robartes e Owen Aherne, explicando a forma como os conteúdos de *A Vision* lhe foram parar às mãos. Mantendo a responsabilidade criadora do texto, Yeats altera na segunda edição o tom do seu discurso, procurando uma imagem de objectividade e firmeza («what actually happened»), admitindo contudo que o texto ‘lhe’ foi comunicado por meios sobrenaturais (os seus ‘Instructors’). Esta alteração funciona como um referente de verdade que vem agora sobrepor-se a uma história, primeira e supostamente inventada:

an unnatural story of an Arabian traveller which // must emend.¹⁰

Esta correcção, sob a forma de *Stories of Michael Robartes and his Friends: An Extract from a Record made by his Pupils*, mantém grande parte do texto original, contendo para além disso uma alegoria que envolve as personagens de Aherne e Robartes. Aqui Yeats esbate um pouco os contornos da veracidade histórica do texto, desenhando sobre ele uma aura de mistério. Origem, profeta ou personagem da narrativa, o autor parece aqui desaparecer do horizonte do leitor através de uma sobreposição de diferentes planos.

A descrição de experiências sobrenaturais, em especial a do aroma das rosas aquando do nascimento do filho, conquista a intimidade do leitor, iniciando-o num mundo oculto que ele aceitará sem objecções. Esta

⁸ *A Vision I*, p. x.

⁹ *A Vision I*, p. xi.

¹⁰ *A Vision II*, p. 19.

ascendência sobre o leitor, referida por Ellmann e Bloom, pretende veicular uma verdade nova e inquestionável que deverá contrastar com as formas populares de misticismo:¹¹

instead of asking whether it is not something almost incredible, because altogether new or forgotten, /it/ clings to all that is vague and obvious in popular Christianity.¹²

De facto, da primeira para a segunda edição, o teor introdutório muda — da afirmação da experiência puramente espiritual emerge agora o sentido de maior control retórico sobre o texto:

Some will ask whether I believe in the actual existence of my circuits of the sun and moon... To such a question I can but answer that if sometimes, over-whelmed by miracle as all men must be when in the midst of it, I have taken such periods literally, my reason has soon recovered; and now that the system stands out clearly in my imagination I regard them as stylistic arrangements of experience.¹³

Entre a primeira e a segunda versão, Yeats contextualiza de formas diferentes a sua 'visão' no seio da tradição romântica. Assim, neste processo um tanto eclético de assimilação de outros textos, Yeats altera as referências que faz a Blake, por exemplo, reafirmando na segunda versão a sua própria originalidade:

I had once known Blake as thoroughly as his unfinished confused Prophetic Books permitted... but there was nothing in Blake, Swedenborg or the Cabala to help me now.¹⁴

¹¹ «esoteric Yeatsism was an adaption, reduced to a few essentials and thereby made unusually coherent, of traditional occult ideas», ELLMANN, Richard — *Yeats, The Man and the Masks*, London, 1949, p. 233.

«multitude and esoteric group alike... with an almost impersonal voice» — BLOOM, Harold — *Yeats*, New York and London, 1970, p. 286.

¹² *A Vision II*, p. 24.

¹³ *A Vision II*, p. 25.

¹⁴ *A Vision II*, p. 12.

Reclamando uma interpretação distinta, Yeats afirma a eterna transcendência da ideia em detrimento do estatuto profético da visão romântica e do seu carácter excessivamente interiorizado («full of morbid excitement») ¹⁵. À tradição filosófica que se desenha entre Vico, Nietzsche e Spengler, Yeats atribui então a síntese histórica resultante de uma visão individual do mundo. Para além disso, Yeats faz frequentes alusões a Berkeley, Hegel, Platão e Aristóteles. No entanto, o desejo de estabelecer a originalidade e a ‘autenticidade profética’ do texto sobressai — quando tal acontece, a revelação sobrepõe-se à descoberta:

When the automatic script began, neither I nor my wife knew, or knew that we knew, that any man had tried to explain history philosophically. ¹⁶

À alusão aos filósofos alia-se então o ênfase na natureza transcendente das verdades. Neste processo de convergência de conceitos, o filósofo não é apenas aquele que investiga racionalmente os primeiros princípios, mas aquele que surge como que abençoado com a descoberta de uma verdade última. Na primeira versão, na secção intitulada «Mythology», Yeats manifesta a sua insatisfação para com a ‘moderna’ filosofia:

a book of modern philosophy may prove to our logical capacity that there is a transcendental portion of our being that is timeless and spaceless, and therefore immortal, and yet our imagination remain subjected to nature as before ... It was not so with ancient philosophy because philosopher had something to reinforce his thought, — the Gods, the Sacred Dead, Egyptian Theurgy... ¹⁷

O autor parece assim ‘reforçar’ a moderna filosofia com o elemento crença, reinvestindo a mitologia e a própria compilação heterogénea de discursos. Numa era pós-teológica, ‘A Vision’ não poderia desta forma

¹⁵ *A Vision II*, p. 299

¹⁶ *A Vision II*, p. 261.

¹⁷ *A Vision I*, p. 251.

alcançar o estatuto de 'livro sagrado'. No entanto, essa heterogeneidade filosófica e mística está bem patente na forma como, no espaço de uma página apenas, Yeats evoca a filosofia medieval, Berkeley, Balzac, os Fragmentos Herméticos, Hegel e Platão¹⁸. Trata-se de associações múltiplas que ecoam a natureza fragmentária mas no entanto multifacetada do seu próprio pensamento.

Por outro lado, a justaposição de referências mantém, entre a primeira e a segunda versão, os seus contornos míticos — à alusão a passos escritos pelos monges japoneses e indianos ou aos fragmentos herméticos junta-se então o desejo de sistematizar o mundo. Trata-se pois do impulso de lhe impor ou nele fazer coexistir limites conceptuais distintos. Perante a proliferação do conhecimento empírico, da ciência e da constante incerteza metafísica, o processo mitopoietico realça e recupera o valor da própria humanidade. Um pouco à semelhança da análise Eliotiana da utilização da Odisseia em *Ulysses* de Joyce:

It is simply a way of controlling, of ordering, of giving a shape and a significance to the immense panorama of futility and anarchy which is contemporary history.¹⁹

A mitopoiesis torna-se assim o abrigo do impossível, ou seja, de qualquer crença capaz de unir a humanidade, de lhe dar formas de percepção da realidade, bem como a ideia de uma experiência comum baseada numa 'história cósmica'. Instituir uma verdade e gerar um mito torna-se assim numa atitude consciente de compromisso com a modernidade.

Paradoxalmente, a recuperação da realidade objectiva associa-se à revelação espontânea — na segunda versão Yeats esclarece que o 'autor' é apenas um intermediário e que a fonte real da comunicação é de carácter transcendente («transcendent», «discarnate»). Contudo, o tom racional do discurso de *A Vision* funciona como um mecanismo retórico de persuasão na crença, mais eficaz do que se se assumisse puramente imaginativo.

¹⁸ *A Vision II*, p. 190.

¹⁹ ELIOT, T. S. — *Selected Prose of T. S. Eliot*, ed. F. Kermode, London, 1975.

Sendo a verdade última o objectivo fundamental, haverá que retirar o carácter e tom demasiado particular de uma estrutura que poderia caso contrário parecer 'meramente mitopoiética'.

A actividade eclética da síntese mítica, histórica, filosófica e religiosa assume-se assim também estrategicamente equacionada no plano do pensamento racional e 'científico' — será talvez a esta postura que Seiden se referia com o termo 'too much confidence'. Na secção dedicada a Ezra Pound, Yeats sugere que o mito de Édipo deveria equiparar-se ao de Cristo no plano da relevância e impacto obtido junto da própria humanidade. A mente humana é aí considerada sinónimo da alma ou espírito imortal, sendo a própria alma submetida a 'fases' de encarnação e 'desencarnação'. É por isto mesmo que Yeats coloca o seu discurso num plano de absoluta indiferença relativamente a qualquer teoria filosófica ou ideológica. Ele inicia o que considera ser uma verdade e percorre-a até ao final. Em lugar de integrar a sua visão na verdade universal com a qual a mente humana constrói a história, ele proclama e assume uma autoridade. *A Vision* pode assim ser passível de se construir como sistema de leitura do mundo. Paradoxalmente pois, na obra convergem modos de pensamento racional que se revelam no entanto inoperantes no plano de valores como a salvação e a imortalidade.

A génese de *A Vision* assenta deste modo numa espécie de crença negativa que pretende ler o temporal de forma transcendente. Será a *negative capability* Keatsiana actuando na leitura da mundaneidade a partir da síntese eclética de propostas outras e de uma visão mitopoiética individual.

Maria João Pires